



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As práticas linguísticas e o processo de letramento na educação básica

HILDA RODRIGUES DA COSTA

RESUMO: Esta pesquisa visa analisar as práticas linguísticas e o processo de letramento na educação básica, em específico no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, de uma escola pública de Inhumas. Compreendendo que a participação do sujeito em uma determinada prática social só é possível quando o indivíduo sabe como agir discursivamente em uma determinada situação comunicativa. O que de certa forma, pressupõe uma experiência social e exige uma interação com outros sujeitos (Bakhtin, 2002). Portanto, essas práticas linguísticas dependem diretamente do papel que é desempenhado pelo sujeito na sociedade. O que nos remete ao ensino de modelos de gêneros discursivos que possibilitam a comunicação, a interação social. Portanto, nosso objetivo principal nessa pesquisa é estudar como esses gêneros se configuram em sala de aula, no processo de letramento, visando a ampliação e o fortalecimento da prática docente do professor de Língua Materna nas últimas séries do ensino fundamental de uma escola pública de Inhumas.

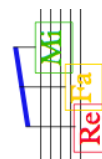
PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística, letramento, Língua Materna, gêneros textuais.

1. INTRODUÇÃO

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações.

FERDINAND DE SAUSSURE

As sociedades que integram o mundo, estão interligadas entre si, participam integralmente de sua organização, influenciando e sendo influenciadas por todos os outros setores coexistentes como, por exemplo, a linguagem, a cultura, a história (COSTA, 2009). Tais





influências vão sendo cristalizadas por meio da língua, manifestando-se e materializando-se em discursos, ao longo do tempo, refletindo e refratando as sociedades através da regularidade de uma prática. Segundo Saussure (1995, p. 16-17),

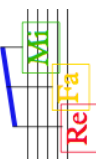
Destarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. –, que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é *necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.*

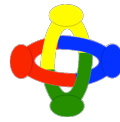
1.2. Materiais e métodos

Diante desta constatação, Benveniste (2005, p. 20) afirma que devemos começar a observar que a Linguística possui um duplo objeto: a ciência da linguagem e a ciência das línguas, sendo a primeira faculdade humana, universal e imutável do homem; e a segunda particular e variável, no ato de sua realização (COSTA, 2009). Mesmo o linguista e a linguística, tendo como objeto a língua, não podem exilar os estudos sobre a linguagem de seu contexto, pois ambas acabam por se entrelaçar, misturando-se, uma vez que os problemas das línguas colocam sempre em questão a linguagem. Portanto, a sociedade está interligada, influência e é influenciada por estruturas que coexistem através da língua, dos signos linguísticos que se formam e se materializam no discurso.

De acordo com Celani (2000, p. 20),

as pesquisas, até pouco tempo estavam mais voltadas para as questões de aquisição de linguagem, de metodologia de ensino de línguas ou de descrição linguística, sem colocar os problemas em seu contexto social, político e econômico, sem se preocupar em examinar como as teorias de aprendizagem





de línguas e as práticas pedagógicas, por exemplo estão ligadas a forças sociopolíticas mais amplas.

Essas forças, por sua vez, não apareceram de uma hora para outra, elas foram constituídas ao longo do tempo por relações discursivas anteriores, em determinados contextos, fazendo emergir o objeto do discurso em relação a outras formações discursivas.

Benveniste (2005, p. 32) afirma que é

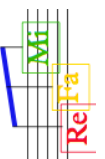
pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o simbolismo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

Portanto, busca pela informação, pelo conhecimento exige do educando e do professor práticas linguísticas que venham de encontro com a necessidade de comunicação em um mundo globalizado, onde não há mais espaço para a aprendizagem condicionada, estéril. Pois, a educação do indivíduo perpassa por campos diversificados, os quais devem possibilitar por meio da leitura e da escrita a inclusão social e a formação deste educando no mundo.

Pois, de acordo com Kriegl (2002), não adianta o professor dizer “fantástico! Vamos ler!” é necessário todo um processo de planejamento que aborde contextos de uso real, capazes de incentivar o gosto pela leitura, possibilitando ao leitor seu crescimento intelectual.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desse modo, o processo de construção e reconstrução do conhecimento em sala de aula exige não apenas elementos físicos (livro, sala, biblioteca, professor), mas a mediação do ensino-aprendizagem, por meio da intensificação de ações que venham incentivar à leitura e a escrita de gêneros textuais que estão presentes na vida cotidiana do educando do ensino fundamental, sem desvalorizar, desprezar sua herança “linguística” cultural. E é este universo cultural que o indivíduo traz consigo que possibilita o planejamento de atividades de letramento capazes de adequar, não só, os conteúdos programáticos do livro didático à realidade do aluno, mas o resgate de sua cidadania, devolvendo-lhe a autoestima, e levando-o a desenvolver sua criticidade como sujeito pertencente a uma sociedade.





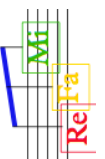
Assim, o leitor utiliza seu conhecimento de mundo e seu conhecimento textual para construir sua interpretação sobre o que lê, analisando, agregando valores a atividade desenvolvida, sendo capaz de fundamentar sua escolha, interagindo com os elementos textuais, com o acompanhamento do profissional docente. E este, por sua vez, faz de sua prática docente um desconstruir-construir contínuo, configurando, demarcando, instituindo saberes que emergem em meio aos paradigmas epistemológicos presentes na disciplina de Língua Portuguesa. E que foram fundamentados ao longo da história, por teorias científicas.

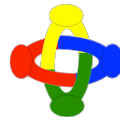
Isso significa que todo conhecimento advém de algum lugar e que é necessário ir além da tradição científica de apresentar resultados, pois, para Moita Lopes (2006, p. 22), “politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar [...]”. É ver por outro ângulo, é dialogar com outras teorias, buscando compreender “a multiplicidade de paradigmas que constituem o universo científico contemporâneo”, promovendo um repensar contínuo de “seu universo de referência” (SIGNORINI, 1998, apud MOITA LOPES, 2006, p. 23). Portanto, na medida em que estudos e pesquisas são desenvolvidos na busca de respostas para determinados problemas de aprendizagem, que conseqüentemente implicam na formação do professor de Língua Materna.

Daí a necessidade de conhecer os diferentes saberes que constitui a prática de letramento que é instituída no ensino fundamental, e a forma que o educando é integrado a sociedade, e principalmente nas transformações sofridas por ele com a modernização acelerada do sistema de ensino. O que implica em esforços, ou melhor, desafios são capazes de fazer emergir indagações quanto aos saberes profissionais, ao ensino de Língua Materna e as competências a serem apreendidas pelo profissional docente no exercício de seu ofício.

3. PARA FINALIZAR...

Portanto, é necessário fazer escolhas epistemológicas, didáticas e éticas, capazes de mobilizar competências criadoras de valores, normas e finalidades, pois como afirma Baillauquès (2001, p.216) “Toda a história social e psicológica do sujeito é formadora. Dizer que o professor é uma pessoa não ajuda tampouco a identificar, entre suas competências, aquelas que são inseparáveis de sua pessoa”. É necessário um trabalho investigativo sobre suas práticas de letramento em sala.





Portanto, propomos esta pesquisa para descrever e analisar as práticas linguísticas e o processo de letramento na educação básica, em específico no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, de uma escola pública de Inhumas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares nacionais para a formação de professores de educação básica, em nível superior, curso de licenciaturas, de graduação plena.** 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>.

BRASIL. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E Cultura. (2001). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da educação Básica.** Brasília: MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>.

BAILLAUGUÈS, B. Trabalho das representações na formação dos professores. In: BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I.** Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II.** Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

COSTA, H.R. **Saussure: os estudos linguísticos no século XX e a Linguística aplicada.** Cadernos do SILEL 2009.

KLEIMAN, A. B. (org.) **A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada.** Campinas – SP: Mercado de Letras, 2001.

KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. (orgs). **O ensino e a formação do professor.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KLEIMAN, A. B. Histórico da proposta de (auto)formação: confrontos e ajustes de perspectivas. In: Kleiman, A. B. e SIGNORINI, I. (orgs). **O ensino e a formação do professor.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

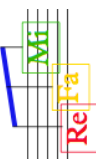
KRIEGL, M. L. de S. Leitura: um desafio sempre atual. **Revista PEC,** Curitiba, v. 2, n.1, p. 1-12, jul. 2001-jul. 2002.

MARCUSHI, L. A. **Oralidade e escrita.** Signótica, UFG, v. 9, jan/dez. 1997, p. 119-145.

MOITA LOPES. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, ed. 20, 1995.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (Orgs) **Por uma linguística aplicada Indisciplinar.** São Paulo, 2006, p. 169-190.

SIGNORINI, I. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



SIGNORINI, I. *Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-108.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 113-128.

Recebido em 20 de junho, aprovado em 22 de junho.

Sobre a Autora

Nilda Rodrigues da Costa



outoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Salgado de Oliveira, Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenadora do curso de Letras, Câmpus Inhumas, da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de Goiânia - SME.

nildardacosta@gmail.com